

## SUMÁRIO

A Comunicação como Instrumento de Interação.....01  
(*Leonardo da Silva Felice & Ana Carolina Garcia Lima Felice*)

11 de Agosto – Dia do Estudante.....03  
(*Isabel Dayane de Sousa Queiroz & Gilson Luiz Rodrigues Souza*)

Sugestões de Leitura: Educação.....04  
(*Gilson Luiz Rodrigues Souza & Tiago Mendes de Oliveira*)

## EXPEDIENTE

### Endereço

Folha Acadêmica do CESG  
Centro de Ensino Superior de São Gotardo  
Av. Francisco Rezende Filho, 035,  
B. Boa Esperança,  
São Gotardo/MG, CEP: 38800-000  
(55) (34) 3671-7020  
<http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica>  
[periodicoscesg@gmail.com](mailto:periodicoscesg@gmail.com)

### Tiragem da Versão Impressa:

1000 exemplares

### Coordenação, Editoração e Revisão

Tiago Mendes de Oliveira

### Conselho Científico e Editorial

Dr. Alexandre de Lima Paniza  
Ma. Ana Carolina Garcia Lima Felice  
Me. Evaldo Ferreira Boaventura  
MSc. Gilson Luiz Rodrigues Souza  
Me. Helio Alessandro Ribeiro  
Me. João Eder Sales  
Esp. João Eduardo Lopes Queiroz  
Me. Leonardo da Silva Felice  
Dra. Márcia Walquiria Batista dos Santos  
MSc. Nilcilene de Fatima Resende  
Esp. Raphael Lima Ribeiro  
Ma. Regiane Victória de Barros Fernandes  
Esp. Tiago Mendes de Oliveira  
Dr. Virgílio de Mattos

## A COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE INTERAÇÃO

*Leonardo da Silva Felice<sup>1</sup>*  
*Ana Carolina Garcia Lima Felice<sup>2</sup>*

As relações interpessoais são concebidas, em primeiro plano, por intermédio da linguagem. As conversas ou bate-papos se materializam na ação de fala em que ambos entendam o contexto do assunto. Esta relação se estabelece no meio em que o indivíduo se insere. Assim, não é justo julgar a fala de um jogador de futebol, por exemplo, sem antes ter ciência das interações sociais as quais este pertence. Também, não é digna de julgamento a fala estereotipada de um indivíduo que vive na periferia de uma grande cidade.

A linguagem é transformadora e determinada pela cultura regional, ou seja, uma pessoa se expressa da forma como percebe seu grupo social se manifestar. Não há uma ciência exata, falamos o que ouvimos. Percebam que a linguagem de advogados é própria da classe: mudam-se as estruturas frasais, muda-se o vocabulário, mudam-se as estruturas argumentativas, de modo que um médico não entende, assim como a linguagem própria dos médicos não são bem percebidas pelos advogados.

E não julguemos apenas as linguagens mais rebuscadas, pautemos também à oralidade de indivíduos com menos escolaridade, pois estes podem emitir complexas organizações frasais que nem médicos e nem advogados entendem. Desta

forma, faz-se necessária a adequação linguística, ou seja, um mecanismo de fala que proporciona o entendimento, portanto a comunicação, de qualquer grupo social para qualquer outro grupo social. Mas, é fácil alcançar este nível de aprofundamento linguístico?

Uma pessoa que tem dificuldade de escrever o que pensa, se reporta a um professor de Língua Portuguesa e solicita alguma técnica de produção de texto. Qual a primeira etapa que todos os professores sugerem? Claro, a leitura. Não porque o candidato a escrever a redação não saiba escrever, ou não saiba pensar. Acontece que produzimos linguagem da forma como as recebemos. Este candidato a redator escreverá seguindo as características do texto que leu. Pensemos em textos de alunos de sexto e sétimo anos do ensino fundamental, a grande maioria começa seu texto por “era uma vez...”, isto porque nós, professores, começamos a ensinar o gênero textual Conto de Fadas, o aluno não teve, neste processo, acesso a outro mecanismo de escrita.

Mas, voltemos a oralidade. Da mesma forma que na escrita, produzimos o que conhecemos. Assistam a várias palestras e terão a capacidade de reproduzir este gênero textual, assistam a conferências e enriquecerão sua produção oral. Não pense que todos sabem se comunicar de forma proficiente em todos os momentos. Há a necessidade de conhecer o modo de fala e depois reproduzir.

Falar bem não é sinônimo de seguir estrutura gramatical, usando ordem direta ou começando sua frase por complementos verbais ou nominais; falar bem é falar de forma que todos compreendam. A comunicação depende disso. Falar em público depende de seu empenho em saber quem será sua plateia.

Partindo do pressuposto de que os alunos de disciplinas voltadas a oralidade buscam o “falar bem”, e que este falar bem aponta para a fala em público, outro aspecto que deve ser levado em conta é a repetição. Quanto mais falamos em público, maior facilidade teremos em falar bem em público. A prática leva a perfeição. Assim explica a prática dos professores em cobrar dos alunos o gênero textual seminário. É interessante para o aluno a prática da fala em público no ambiente escolar para, assim, ter facilidade e domínio das palavra em um eventual momento de palestra em sua vida profissional.

A fala leva as pessoas a interação, a adequação das palavras proporciona um melhor entendimento e o domínio a diferentes manifestações de fala, por meio de treinamento, leva ao domínio das coisas que se pretende dizer e a quem se pretende dizer.

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Linguísticos e graduado em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia. Técnico da Universidade Federal de Viçosa Campus de Rio Paranaíba e docente do Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2838938144388922>

<sup>2</sup> Mestra em Estudos Linguísticos e graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora do Ensino Fundamental e Médio. Docente do CESG. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7171897194140096>.